

HILDEGARDA DE BINGEN E O PODER FEMININO NO SÉCULO XII: HUMILDADE E OBEDIÊNCIA COMO CAMINHO DE MANUTENÇÃO DA ORDEM SOCIAL

Michele de Oliveira Jimenez*
Terezinha Oliveira**

Resumo: Hildegarda de Bingen (1098-1179) viveu e escreveu durante um período de grandes transformações na sociedade medieval: surgimento das cidades e início do comércio, cruzadas, combate às heresias dos cátaros e crescimento das ordens religiosas. Nesse sentido, este artigo pretende demonstrar como as virtudes de obediência e humildade foram utilizadas para justificar a manutenção da ordem social no século XII, de acordo com a obra *Scivias* de Hildegarda de Bingen. Para tanto, o trabalho apresentará uma pequena biografia de Bingen, uma contextualização do século XII, e a análise das virtudes de obediência e humildade com o propósito de refletir sobre como serviram para justificar as hierarquias sociais entre os homens, de forma a assegurar a conservação da ordem social no século XII.

Palavras-chave: Hildegarda de Bingen. Virtudes. Obediência. Humildade.

HILDEGARD OF BINGEN AND THE WOMEN'S POWER IN THE XII CENTURY: HUMILITY AND OBEDIENCE AS A WAY OF MAINTAINING THE SOCIAL ORDER

Abstract: Hildegard of Bingen (1098-1179) lived and composed her works during a period of significant transformations in medieval society: the rise of the cities and the beginning of trade, the Crusades, the combat against Cathar heresies and the increase of religious orders. In this regard, this paper intends to demonstrate how the virtues of obedience and humility were used in order to justify the maintenance of the social order in the XII century, according to the work *Scivias* written by Hildegard of Bingen. To this end, the paper will present a short biography of Bingen, a contextualization of the twelfth century, and the analysis of the virtues of obedience and humility with the aim of discussing the way they were used to justify the social hierarchies among humans in such a manner as to ensure the preservation of the social order in the twelfth century.

Keywords: Hildegard of Bingen. Virtues. Obedience. Humility.

*“Que ninguém se apodere de uma montanha que não pode mover, mas que habite no vale da
humildade”
Hildegarda de Bingen*

Introdução

Estudar o pensamento de mulheres é uma tarefa difícil, principalmente pela invisibilidade a que foram submetidas durante séculos, nos quais, à figura feminina,

diferentemente da masculina, era negada a ocupação do espaço público, no mundo Ocidental (PERROT, 1998). Na construção da História, isso não foi diferente. A versão histórica narrada foi sob a visão dos homens (PINSKY, 2009), mesmo que as mulheres participassem da História desde sempre (OLIVEIRA, 2019; PINHEIRO, 2017). Esse cenário se modificou a partir dos estudos da História Social, em que a historiografia passou a se interessar pela história dos comuns e marginalizados da sociedade, dando voz a essa parcela social, e não mais às grandes figuras históricas, em sua maioria, figuras masculinas¹ (BARROS, 2015).

Hildegard von Bingen (1098-1179), em português, Hildegarda de Bingen, foi uma figura destoante dessa invisibilidade a que as mulheres foram submetidas, pois “[...] ocupa um lugar excepcional na cultura latina medieval, amplamente dominada pelos homens da Igreja” (LE GOFF, 2013, p. 165). É considerada profetisa, visionária, pregadora, mística, musicista, teóloga, adepta da medicina natural, poetisa e dramaturga (FRABOSCHI, 2012). Nasceu em 1098, na cidade de Bermersheim, Alemanha, filha de pais nobres e proprietários de terras, que a entregaram ao convento duplo de Disibodenberg, quando tinha oito anos de idade, para ser educada pela nobre Jutta Sponheim, a abadessa da parte feminina do convento (PERNOUD, 1996).

Aos trinta e oito anos, tornou-se abadessa desse convento, após a morte de Jutta Sponheim. Hildegarda, não satisfeita com a situação das monjas, devido ao aumento de irmãs, grande parte por conta primeiro da fé em Jutta e, depois, de sua própria fama, desafiou o Abade de Disibodenberg, Kuno. Com o apoio do bispo de Mainz, fundou um dos primeiros mosteiros femininos da Europa, em Rupertsberg, entre 1147 e 1150, próximo a Bingen, a cerca de 25 quilômetros de Disibodenberg (PERNOUD, 1996). Em 1165, fundou novo convento em Eibingen, pois o de Rupertsberg não comportava mais a quantidade de freiras e os visitantes que afluíam para se aconselharem com a Sibila do Reno — como era conhecida na região por seus dons proféticos e visionários.

A fama da Sibila do Reno já era grande durante a sua vida, inclusive, antes de iniciar a escrita de suas obras e as suas correspondências com o mundo exterior ao convento (VAN DE POLL, 2009). Grande parte devido ao seu carisma, tanto em distribuir conselhos, quanto em cuidar e curar dos doentes, a partir de uma concepção holística² da relação entre homem e natureza, entre corpo e alma, em que apresenta a importância do equilíbrio para a manutenção da saúde (PINHEIRO,

2012).

O que não faltava a Hildegarda era coragem e audácia, apesar de sua frágil saúde, uma vez que sua primeira carta foi para o maior nome da Igreja no século XII, Bernardo de Claraval, renovador da Ordem Cisterciense e um dos conselheiros do Papa Eugênio III (HIJARRUBIA, 2013). Bernardo de Claraval não apenas respondeu à Hildegarda, mas a incentivou a continuar escrevendo e, possivelmente, é por meio dele que os escritos que foram lidos durante o Concílio de Trier (1147-1148) chegaram ao Papa Eugênio III, o qual autorizou que essa mulher incauta — como ela se autodenominou no *Scivias* — continuasse a escrever (PERNOUD, 1996; FRABOSCHI, 2012). O contato com Bernardo de Claraval era o que faltava para dar autoridade a Hildegarda, para que ela pudesse revelar suas visões ao mundo exterior (CIRLOT, 2012).

Os escritos lidos durante o Concílio de Trier são a primeira parte da obra *Scito Vias Domini* ou *Scivias* — Conhece os caminhos do Senhor (1141-1151) — fruto das visões que Hildegarda recebia da Luz Viva, o próprio Deus. Essa obra foi escrita quando a abadessa tinha quarenta e três anos de idade, conforme descrito no prólogo da obra (BINGEN, 2017). De acordo com Cirlot (2012), as visões são divisoras de água para Hildegarda, não somente para que se tornasse uma profetisa, mas também uma escritora de seu tempo. Para Newman (2017, p. 9), as visões de monja beneditina tinham “[...] conteúdo político e estavam baseadas em uma experiência física de luz e de dor”. Fato é que, após as visões que deram origem ao *Scivias*, em 1141, Hildegarda precisou mudar seu modo de vida, abrir seus horizontes para pregar, inclusive fora do mosteiro, sendo a primeira mulher a conseguir autorização para pregar em público³ (PERNOUD, 1996).

Para este estudo, o recorte proposto centra-se em tecer reflexões sobre as virtudes de humildade e obediência presentes no *Scivias*, com o intuito de demonstrar como foram utilizadas por Hildegarda para justificar a manutenção da ordem social no século XII. Foram utilizados para a construção deste trabalho pressupostos da História Social, como o conceito de longa duração, a partir de autores como Le Goff (2014) e Duby (1994). A pesquisa foi pautada no levantamento bibliográfico no Banco de Teses e Dissertações da Capes, no Portal de Periódicos Capes, por meio das palavras-chave: Hildegarda de Bingen; Hildegard Von Bingen. Houve, também, levantamento bibliográfico das principais estudiosas das obras de Hildegarda, a saber: Newman (2017), Cirlot (2012), Pernoud (1996) e Fraboschi

(2012). Já a escolha das virtudes de humildade e obediência deve-se ao fato de serem consideradas fundacionais na obra *Scivias* (NEWMAN, 2017). Assim, foram pesquisadas todas as entradas na obra em que essas duas virtudes foram citadas, a fim de selecionar aquelas que se referissem à manutenção da ordem social.

1 Breves considerações sobre o século XII

A Sibila do Reno viveu durante o século XII, no qual os cristãos estavam empenhados nas Cruzadas — Jerusalém foi conquistada durante a I Cruzada, em 1099 — um ano após o nascimento da monja (PERNOUD, 1996). Já adulta, quando da II Cruzada, entre 1147 e 1150, a monja beneditina teve visões sobre os acontecimentos (OLIVEIRA, 2019). A Igreja estava ainda sob os ecos da Reforma Papal — iniciada no século XI, por Leão IX, e levada a cabo por Gregório VII — e, conseqüentemente, no combate às heresias, principalmente as dos cátaros (SOUZA, 2013). No plano político, Frederico Barba-Roxa (1122-1190) era o Imperador do Sacro Império Romano-Germânico e disputava com o Papa Alexandre III a nomeação do bispado, retomando a Questão das Investiduras Leigas (DUBY, 1994; LE GOFF, 2014). Entretanto, nem só de Cruzadas, combates e disputas foi feito o século XII.

Foi o século do início das cidades, em que uma sociedade eminentemente rural começou a ser substituída, aos poucos, pela urbanidade, e marcou-se por um renascimento cultural, com o surgimento dos pequenos ofícios, por meio dos quais a balança começou a se inclinar para o lado mais laico e menos religioso, o que não significou a diminuição do poder da Igreja (LE GOFF, 2014). É a partir do surgimento das cidades que ocorreu a “[...] primeira grande divisão do trabalho entre cidade e campo [...]” (OLIVEIRA, 2019, p. 1341), em que eram necessários novos hábitos para o convívio social, no ambiente citadino. Já o renascer espiritual da cristandade, ainda sob os ecos da Reforma Papal do século anterior, ocorreu a partir dos mosteiros de Cluny e Cister (HIJARRUBIA, 2013).

No século XII, a devoção a Maria, principalmente a partir do aparecimento da imagem iconográfica da Coroação de Nossa Senhora, interferiu na mudança em relação à imagem da própria mulher (LE GOFF, 2015). De acordo com Lippmann (2014), outra mudança desse século foi os papéis que as mulheres estavam desempenhando na comunidade dos cátaros, passando a ter mais igualdade em relação aos homens e, inclusive, podendo desempenhar atividades litúrgicas e

pregar. Ao mesmo tempo em que o culto mariano dava destaque ao papel da mulher no século XII, Maria era inalcançável, o que justificava o preconceito contra as mulheres, fruto de onze séculos de culpa do pecado original sob os ombros, exclusivamente das mulheres (SILVA, 2014; VAN DE POLL, 2009).

Duby (1995), em *As damas do século XII: Heloisa, Isolda e outras damas*, apresenta como o cristianismo começou a se feminizar, entre os séculos XI e XII, sendo que este último foi o século da “[...] grande Hildegarda de Bingen, recentemente desaparecida e cuja lembrança continuava viva” (DUBY, 1995, p. 69). O autor destaca que, diferentemente dos homens, as mulheres precisavam dos mosteiros para se protegerem da violência física e terem acesso ao conhecimento e erudição, todavia, o ingresso às ordens religiosas era restrito às nobres. Destaca, ainda, a reabilitação da figura feminina, em que a “[...] mulher, com efeito, tendo sido tirada do flanco do homem, é construída com o mesmo arcabouço que ele; é, portanto, um ser racional” (DUBY, 1995, p. 210).

Essa mudança em relação à mulher também é perceptível na obra de Hildegarda, uma vez que defende a posição de complementaridade em relação ao homem, como fonte de sabedoria, já que o homem era a força (BINGEN, 2017). De acordo com Newman (1997) e Van de Poll (2009), Hildegarda acreditava que o feminino estava presente na criação desde sempre, principalmente, pelo papel de Maria, que é parte do projeto de salvação. Há que se destacar, também, que todas as virtudes citadas são femininas, ou seja, para alcançar a salvação, é importante se conectar ao feminino (BINGEN, 2017).

É nesse ambiente efervescente, e em meio a fundações de mosteiros, atendimento ao público (tanto por cartas quanto pessoalmente), atribuições de abadessa, que, aos quarenta e dois anos, Hildegarda de Bingen, com uma saúde frágil e debilitada, foi ordenada pela Luz Viva — o próprio Deus — a escrever suas visões (BINGEN, 2017). A partir delas, escreveu sua trilogia teológica e principais obras: *Scito Vias Domini* ou *Scivias* — Conhece os caminhos do Senhor (1141-1151); *Liber Vitae Meritorum* — Livro dos Méritos da Vida (1158-1163); *Liber Divinorum Operum* — Livro das Obras Divinas (1163-1174)⁴.

De acordo com Cirlot (2012, p. 173, tradução nossa),

[...] no *Scivias* se conjugaram e combinaram uma obra teórica, de compreensão dos mistérios cristãos, em que se concentra o aparato doutrinário e didático, e uma experiência visionária que é aquela que

concede vida e potência às imagens⁵.

O *Scivias* é composto pelo relato de vinte e seis visões, divididas em três partes: Livro I: *O Criador e a Criação*, com relatos de seis visões; Livro II: *O Redentor e a Redenção*, com relatos de sete visões; Livro III: *A história da salvação simbolizada por um edifício*, com relatos de três visões. Os relatos de visões são acompanhados das respectivas interpretações, inspiradas, também, pela Luz Viva, a partir das escrituras sagradas.

2 As virtudes da humildade e da obediência na obra *Scivias*

É preciso lembrar que Hildegarda escreveu para ensinar (CIRLOT, 2001), em primeiro lugar, ao clero, depois à nobreza e ao povo, e sua preocupação era de que, se todos respeitassem seus lugares e papéis, na ordem da sociedade e, se praticassem as virtudes, alcançariam a salvação (VAN DE POLL, 2009). Nesse sentido, as virtudes desempenharam um papel importante no pensamento hildegardiano (NEWMAN, 2017). Estão presentes em todas as obras teológicas da monja beneditina e são as personagens principais do *Ordum Virtutum* — primeiro drama litúrgico do Ocidente (PERNOUD, 1996). Como beneditina, apresentou a necessidade de uma vida disciplinada, por isso, as virtudes foram apresentadas de forma sóbria e austera, preocupadas com o bem comum, com a criação e com todos os homens. Oliveira e Viana (2019, p. 404), ao analisarem a obra de Hugo de Saint-Victor (1096-1141), contemporâneo de Hildegarda, destacam que “[...] as virtudes são importantes princípios educativos porque visam o bem comum, a preocupação com a vida em uma sociedade melhor, mais harmônica, civilizada”.

Somente pelas virtudes o homem alcançaria a verdade, o conhecimento de Deus, e completaria sua formação (VAN DE POLL, 2009). As virtudes operam de modo a humanizar, a fim de alcançar a santidade, o que ocorre por meio da fé, ou seja, ser um bom cristão é ser um homem virtuoso, que conhece a verdade do Senhor, e trabalha para o bem comum da comunidade em que vive. As virtudes são necessárias para elevar os homens, pois

[...] quando a humanidade foi enganada pela astuta serpente, Deus foi tocado pela verdadeira misericórdia e ordenou que seu Unigênito se encarnasse na puríssima Virgem. E assim, depois da ruína da

humanidade, muitas brilhantes virtudes foram elevadas ao céu, como a **humildade, a rainha das virtudes**, que floresceu no nascimento virginal, e outras virtudes, que conduzem o eleito de Deus às mansões celestiais (BINGEN, 2017, p. 99, grifos nossos).

Para Cirlot (2012, p. 150, tradução nossa), as “[...] virtudes são forças, aparições de luz igual aos anjos”⁶. No *Scivias*, destacam-se as virtudes fundacionais: humildade, obediência e discrição (NEWMAN, 2017), as quais estão presentes em outras virtudes como características, por exemplo, da fé, caridade ou justiça.

No pensamento hildegardiano, a humildade é apresentada como a Rainha das Virtudes, como uma das qualidades mais importantes para as pessoas se tornarem virtuosas, servirem a Deus, e até mesmo para as outras virtudes, como sendo dessas a alma (BINGEN, 2017). A própria Hildegarda se apresenta como uma pessoa humilde:

[...] eu, porém, embora visse e ouvisse estas coisas, recusei-me escrever por muito tempo, em meio à dúvida e à má opinião e à diversidade das palavras humanas, não com obstinação, mas no exercício da humildade, até que, rebaixada pelo flagelo de Deus, caí num leito de enfermidade (BINGEN, 2017, p. 54).

Ao se colocar em uma posição de humildade, inferior a toda criatura, como incauta e incapaz, ao mesmo tempo que se utilizou da crença da época (DUBY, 1995), inverteu o argumento, isto é, aos humildes (mulheres) foi dado o dom de pregar e ensinar com sabedoria para que a humanidade fosse redimida e conseguisse se salvar (BINGEN, 2017). A autora não questionava o poder masculino, até porque a voz que ouvia e a inspirava era a do próprio Deus, ou seja, não era uma mulher quem falava e, sim, Deus, por meio da humildade de sua serva (BINGEN, 2017). Há que se destacar que uma das principais características da salvação advinda do Filho do Homem, é a humildade que Ele teve em se tornar humano, para redimir os pecados e levar a todos à salvação “[...] pois o Pai, o Filho e o Espírito Santo, um Deus em três pessoas, não se compraz na beleza da carne, mas na humildade com que o Filho de Deus revestiu-se da humanidade.” (BINGEN, 2017, p. 513).

No *Scivias* (BINGEN, 2017), a humildade é descrita usando uma coroa de ouro triangular, representação da Trindade e da encarnação do Salvador, posto que é mais elevada e precede as demais virtudes. Está ornada com pedras preciosas e pérolas, de forma resplandecente, com um espelho no peito, que irradia o Filho de

Deus, resplandecente de toda a sua glória e “sólido fundamento de todas as boas ações humanas.” (BINGEN, 2017, p. 719).

A importância atribuída à humildade é uma característica da própria Regra de São Bento, ordem na qual Hildegarda professava. Na Regra, há determinação dos 12 graus de humildade que os monges deveriam seguir: 1) lembrar de todos os ensinamentos de Deus, evitando qualquer esquecimento, o que impede de que façam as próprias vontades; 2) não realizar os próprios desejos, muito menos se deleitar neles; 3) obediência ao Abade; 4) ser paciente nas adversidades; 5) confessar seus pensamentos, inclusive os maus, ao Abade; 6) contentar-se em ser indigno e mau, mesmo realizando boas obras; 7) acreditar ser inferior a todos, inclusive confessar por meio de palavras; 8) fazer somente o que está na Regra e o que os Abades pedirem; 9) ficar em silêncio; 10) evitar as risadas, ainda mais se forem altas; 11) falar mansamente, em um tom de voz agradável, sem elevar a voz ou se esbaldar em risadas; 12) transparecer humildade no corpo em todas as oportunidades, seja na horta ou no oratório (SÃO BENTO, 2020)⁷.

A obediência, por seu turno, é tratada como um doce preceito, dado primeiramente a Adão, que a desprezou e deixou-se seduzir pelo Diabo, incorrendo na desobediência a Deus, sendo, por isso, considerada o início da queda da humanidade (BINGEN, 2017). Por outro lado, “aqueles que vivem na obediência quando não supervisionados, ganham uma recompensa eterna” (BINGEN, 2017, p. 303), uma vez que a humanidade é

[...] extremamente cara a Deus, que a fez verdadeiramente à sua própria imagem e semelhança; ela deveria praticar todas as virtudes na perfeição da santidade, conforme, de fato, Deus formou todas as criaturas para agirem assim, e para agirem em humilde obediência (BINGEN, 2017, p. 545).

Em outras palavras, os homens somente precisavam agir com humildade e obediência para cumprirem o propósito de Deus na Terra, mas, para atingirem êxito, necessitavam preparar seus corações, conforme determinava a Regra de São Bento.

De acordo com as palavras da obediência:

[...] eu não posso correr pelos caminhos seculares de acordo com minha vontade, ou ser infectada pelo desejo humano; mas opto por voltar para Deus, o Pai de todos, a quem o diabo rejeitou e escolheu

desobedecer (BINGEN, 2017, p. 698).

Nesse sentido, marca sua opção por seguir os mandamentos divinos. A aparência da obediência é como uma nuvem tão branca e imperturbável,

[...] usando uma corrente branco-neve ao redor do pescoço, pois, quando as pessoas se esquecem da força do pescoço de suas próprias vontades e se unem ao Cordeiro inocente, meu Filho, ela torna suas mentes puras pela sujeição à fiel obediência. E suas mãos e pés estão acorrentados juntos com grilhões brancos. Na verdade, ela está ligada pela pureza da verdadeira fé na obra de Cristo e no caminho da verdade. E ela não age nem caminha como deseja, mas como Deus, o Regente, lhe ordena, conforme ela demonstra em suas palavras já citadas (BINGEN, 2017, p. 721).

De acordo com a Abadessa (BINGEN, 2017), Deus fez a promessa de tornar as pessoas crentes na fé, caso elas seguissem com obediência seus preceitos, a fim de cumprir com sabedoria as obras por Ele solicitadas. Os espíritos dessas pessoas direcionariam todos os desejos para a obediência à justiça de Deus, de modo a se tornarem justas também.

2.1 As virtudes humildade e obediência na manutenção da ordem social do século XII

Hildegarda pensava o bem comum da sociedade, a partir da manutenção das ordens sociais, dos papéis do clero, da nobreza e do povo, por isso, foi tão enfática nas cartas a Frederico Barba-Roxa sobre o papel do secular que a ele caberia (FRABOSCHI; PALUMBO; ORTIZ, 2015). Para a monja beneditina, era muito importante que cada pessoa soubesse o seu devido lugar na ordem social e, se o Imperador Frederico Barba-Roxa continuasse a enfrentar ao Papa, nomeando antipapas, ele poria em risco a própria sociedade cristã, unida pela Igreja Católica⁸, ao retomar a Questão das Investiduras Laicas, já combatidas durante a Reforma Papal. Essa retomada poderia fazer com que houvesse um levante contra a ordem social estabelecida, com o questionamento do papel do clero, mas também da nobreza — já que boa parte do primeiro pertencia ao segundo, conforme apresentado por Duby (1994) ao descrever as três ordens sociais que compuseram o feudalismo.

Hildegarda pautou-se na virtude da obediência e na figura do Filho de Deus

para justificar que cada qual se mantivesse em seu devido lugar

[...] visto que o Filho de Deus é, portanto, Senhor de todas as criaturas, pela vontade do Pai e pelo toque do Espírito Santo, ele também estabeleceu a ordem dos diversos poderes no mundo. Como? Deste modo: havia excesso e autoglorificação porque ninguém honrava ninguém, e todo mundo estava fazendo o que queria; e isso teria continuado, se Deus, em sua infinita sabedoria, não tivesse posto um fim a isso. Portanto, ele fez distinções entre uma pessoa e outra. Ele fez as inferiores sujeitas às superiores no serviço da obediência, e fez os superiores ajudarem e servirem os inferiores com inteligência e devoção; tal como foi concedido a Jacó por seu pai, inspirado pelo Espírito Santo, para ser o senhor de seus irmãos (BINGEN, 2017, p. 654).

É por meio da obediência que todos deveriam saber os seus devidos lugares, uma vez que isso foi determinado pelo próprio Deus no ato da criação, quando estabeleceu as hierarquias entre os seres imputando que alguns são naturalmente superiores aos outros, tornando-se seus senhores, como é o caso, por exemplo, do próprio Imperador, representante do poder secular. O povo, por sua vez, deveria se esquecer de seus sofrimentos e desejos, para se submeterem à “[...] obediência por amor da vida eterna, caminhando sob o comando de seus superiores.” (BINGEN, 2017, p. 317).

O *Scivias* como tratado dogmático (LE GOFF, 2014), isto é, como um conjunto de verdades que foram reveladas diretamente por Deus a Hildegarda, foi endereçado diretamente aos clérigos da Igreja (SOUZA, 2013), posto que não estavam cumprindo com seus papéis para a ordem da sociedade. Por isso, Hildegarda, uma simples mulher, fora escolhida para conduzi-los de volta aos caminhos do Senhor. No *Scivias*, a autora foi muito dura ao criticar os clérigos que não desempenhavam seus respectivos papéis. Entretanto, a Abadessa nunca quis uma reforma da Igreja, mas a manutenção da ordem (VAN DE POLL, 2009). Para Hildegarda (BINGEN, 2017), cada pessoa tem seu devido lugar: clero, nobreza e povo, tal qual a hierarquia dos anjos nos céus (DUBY, 1994).

Portanto, tende paz, e caridade, e humildade entre vós, como as almas dos justos têm com os anjos, e os anjos com os arcanjos. Na verdade, as almas dos justos não invejam o ministério dos anjos, e os anjos não ficam zangados com a glória dos arcanjos. Por que isso? Arcanjos apontam as coisas mais excelsas nos maiores tempos de necessidade, e os anjos anunciam coisas inferiores no curso normal dos acontecimentos, enquanto as pessoas fiéis humildemente

obedecem. Por conseguinte, que cada um realize seu serviço fielmente (BINGEN, 2017, p. 335).

Nesse excerto, a humildade não é apenas uma virtude, mas uma característica da obediência, ou seja, as pessoas deveriam se comportar humildemente e obedecerem aos seus superiores, com o intuito de agradar a Deus. De acordo com as palavras da humildade, quem quiser realizar obras boas, tal como ela, necessitava acender de virtude em virtude, de maneira obediente, uma vez que “[...] quem quer que procure subir pegando primeiramente o galho mais alto da árvore, via de regra, cairá rapidamente. Mas quem quer que comece sua subida a partir da raiz, não cairá tão facilmente, se proceder com cuidado” (BINGEN, 2017, p. 695).

Duby (1994) discorre sobre o poder dos bispos, no século XII, como autoridades que geriam ao clero, representantes de Deus na Terra, já que eram mais próximos da população do que o Papa, por exemplo. Tanto os bispos quanto os monarcas eram sagrados, nos anos 1000 (DUBY, 1994). De acordo com o autor, os bispos se constituíam como verdadeiros senhores feudais, com direito aos domínios da diocese, e inclusive vassallos (tanto religiosos quanto civis), e esses também juravam fidelidade a eles (DUBY, 1994). Como estavam se confundindo à nobreza, Hildegarda os admoestou para que voltassem o olhar para a obra de salvação que deveriam conduzir na Terra e imitar o exemplo dos monges, que são como “cinturão da Igreja e cingem-na fortemente, visto que estão preocupados com a Encarnação do meu Filho” (BINGEN, 2017, p. 317). Pernoud (1996) destaca a preocupação de Hildegarda com a opulência de bens materiais do clero e o orgulho do poder secular, o que poderia gerar uma revolta no povo, interferindo e prejudicando a ordem social.

Era prática dos bispos, como escolares e muitos professores, o domínio da arte da retórica, e da própria escrita, sempre baseada nas autoridades dos filósofos antigos ou dos pais da Igreja, de modo sutil ou escancarado, a fim de que todos os letrados conseguissem captar a referência (DUBY, 1994). Hildegarda, diferentemente, não citava nenhum autor, pois acreditava somente na Luz Viva, já que dela emanava o verdadeiro saber (SOUZA, 2013; VAN DE POLL, 2009). Na Apresentação do *Scivias*, Hildegarda ao referir-se a si mesma como incaulta, sem o domínio do latim, destacou que sua autoridade provinha de Deus, pois o que escreveu foi o conhecimento que recebeu diretamente d’Ele (BINGEN, 2017). Nesse sentido, não poderia citar outros autores em sua obra, a fim de não desacreditar o

próprio Deus, que falava por meio dela. Assim, a Abadessa adverte os sábios de seu tempo:

A advertência de Deus aos doutos a não desprezarem estas palavras, mas a exaltá-las

Ó fecundos e recompensadores mestres! Redimi vossas almas e proclamai em alta voz estas palavras, e não descreiam delas; de fato, se as desdenhardes, desprezais não a elas, mas a mim, que sou a Verdade.

Na verdade, deveríeis nutrir meu povo sob minha Lei, e cuidar dele até que tenha passado o tempo de sua supervisão, e todos os cuidados e labores tiverem cessado. Contudo, de agora em diante, a época predestinada está se aproximando, e vos apressais rumo ao tempo em que o filho da perdição aparecerá. Crescei, portanto, em vigor e fortaleza, meus eleitos! Estai atentos, a fim de que não caiais na armadilha da morte; erguei o vitorioso estandarte destas palavras, e precipitai-vos sobre o filho da iniquidade. De fato, aqueles que precedem e seguem o filho da perdição, a quem chamais Anticristo, estão no caminho do erro; mas quanto a vós, segui as pegadas daquele que vos ensinou o caminho da verdade, quando apareceu com humildade e não com orgulho, no mundo, na carne. Ouvi, portanto, e compreendei (BINGEN, 2017, p. 819, grifos da autora).

Além das censuras ao Imperador Frederico Barba-Roxa e das críticas aos clérigos, Hildegarda (BINGEN, 2017) advertiu ao povo para que não questionasse as ordens e hierarquias estabelecidas pelo próprio Deus e pelo poder da Igreja:

Seculares que observam as leis de Deus adornam grandemente a Igreja

Mas, como se vê, outro esplendor, como uma nuvem branca, pudicamente envolve a imagem do umbigo para baixo, até o ponto em que não havia ainda continuado a crescer. Esta é a vida secular, que, com propósito puro e calmo, rodeia a Igreja com reverência e presta-lhe a devida assistência, a partir da plenitude de sua crescente força até o ponto além do qual ainda não se desenvolveu em seus filhos. Como? Porque o que se encontra perto do umbigo é o útero, do qual toda a raça humana é procriada. Portanto, isso se refere às pessoas seculares na Igreja, através das quais ela deve ser levada ao pleno número de suas ordens, pois aqui estão reunidos reis e duques, príncipes e governantes, e seus súditos, ricos e pobres, e os despossuídos que vivem em meio aos outros. E por todos estes, a Igreja é extremamente adornada, pois quando os leigos observam fielmente a Lei de Deus, que lhes foi estabelecida, eles embelezam grandemente a Igreja; quando eles obedecem a seus superiores com sincera humildade e devoção, e castigam seus corpos por amor a Deus mediante esmolas, e vigílias, e continência, e vivez, e outras boas obras que são de Deus, eles abraçam Deus com muitos abraços. Portanto, aqueles que cumprem a Lei que lhes foi determinada por minha vontade me são muito louváveis (BINGEN, 2017, p. 322, grifos da autora).

O povo deveria obedecer à Igreja e se submeter ao poder secular, pois o Antigo Testamento determinou que o “[...] governo humano estivesse incluído na autoridade eclesial e devesse ser conservado fiel e firmemente” (BINGEN, 2017, p. 647). Apesar de a Abadessa defender a importância das virtudes para a salvação, sua grande preocupação era com “[...] as ações terrenas, o autocontrole (a sujeição da carne à alma e não o inverso), a autossuperação no árduo embate contra o mal. Daí a importância que atribui à prática das virtudes” (VAN DE POLL, 2009, p. 137).

Deus instituiu as ordens e hierarquias entre os homens para que vivessem em harmonia, pois, sem isso, poderiam se tornar rebeldes, e não seguiriam os preceitos para uma vida cristã (BINGEN, 2017). Hildegarda, como nobre e como representante da Igreja, admoestou a todos a seguirem o plano de Deus, por meio da humildade e da obediência, para preservar a própria Igreja e, conseqüentemente, a sociedade cristã. Assim, os poderes da Igreja também foram

[...] inspirados por Deus para o benefício humano, justamente ordenados por ele por necessidade, pois, de outra sorte, o povo de Deus seria como rebanhos sem pastor e seguiria qualquer caminho tortuoso da desordem. Por conseguinte, aquele que se opõe a eles por orgulho e se recusa a obedecer a eles em adequada humildade, opõe-se não a pessoas, mas a mim, o Criador, que disponho todas as coisas de maneira justa (BINGEN, 2017, p. 674).

O objetivo de Hildegarda foi defender a vida cristã, pautada nas virtudes, vida em que os homens “precisam agir em consonância com os princípios cristãos e, ao mesmo tempo, aceitar o governo da Igreja, inclusive a sua riqueza” (OLIVEIRA, 2019, p. 1353). A própria descrição da humildade, como Rainha das Virtudes, demonstrou que a suntuosidade deveria ser para a Igreja, não aos clérigos. Dessa forma, a Igreja como representante da vontade divina

[...] tal como uma noiva, submissa ao seu noivo na oferenda de subordinação e de obediência dela, recebe dele um presente de fertilidade e um pacto de amor para procriar filhos, e educa-os quanto à sua herança. Assim também, a Igreja, unida ao Filho de Deus no exercício de humildade e de caridade, recebe dele a regeneração do Espírito e da água para salvar almas e restaurar a vida, e envia aquelas almas para o céu (BINGEN, 2017, p. 365).

Para Van de Poll (2009) e Souza (2013), as obras de Hildegarda foram prontamente aceitas justamente por estarem de acordo com as concepções que a Igreja pós-Reforma Papal defendia, uma ortodoxia que confirmava os dogmas da

Igreja, e as hierarquias sociais, conforme Duby (1994). Independentemente das motivações da Abadessa, “[...] o fato é que ela agiu sobre o seu mundo e sobre o seu tempo com a clara intenção de salvá-lo, ou pelo menos, de salvar as almas que nele viviam através da prática cristã da religiosidade” (VAN DE POLL, 2009, p. 56).

De acordo com Souza (2013), o grande mérito do *Scivias* foi delimitar os campos de atuação do poder secular e do poder religioso, tornando-se um espelho para ambos, mas principalmente para os últimos que possuíam (possuem) o papel de guiar o povo para a salvação, pois o

[...] sacerdote que está realizando esse ministério deve invocar com suas palavras o Deus Altíssimo, crendo fielmente nele, oferecendo-lhe, com devoção de coração, uma oblação pura e pronunciando as palavras de salvação no serviço de humildade (BINGEN, 2017, p. 379).

Ainda que possamos observar esse caráter ortodoxo defendido pelas estudiosas citadas, a monja beneditina considerava que, se todos cumprissem os seus respectivos papéis, com amor, observando as virtudes de obediência e humildade, a recompensa celestial estaria assegurada, na cidade dos escolhidos, como um presente eterno (BINGEN, 2017).

Considerações finais

Ao retomar o pensamento de Hildegarda de Bingen, o que se buscou foi identificar como as virtudes de obediência e humildade operaram para a manutenção da ordem social no século XII. A monja beneditina acreditava que a manutenção das hierarquias sociais era a vontade de Deus para a manutenção da vida cristã, tal como na Jerusalém Celeste, mas

[...] a Jerusalém Celeste de Hildegarda é um local hierarquizado, mas onde cada membro da sociedade cristã medieval poderia adentrar, após a morte, contanto que cada qual obedecesse a regras devidas a seu respectivo grupo (SOUZA, 2013, p. 144).

Os relatos das visões contidas no *Scivias*, devido à sua organização didática e à própria hierarquia entre eles, permitem demonstrar como a monja beneditina estava integrada às questões do século XII, como por exemplo, a Questão da

Investidura Laica e o combate às heresias que questionavam o papel da Igreja e a sua riqueza, como as dos cátaros. Para Cirlot (2012), as visões eram não apenas experiências visionárias, mas estavam circunscritas à visão de mundo da própria Abadessa. Por meio das virtudes, o que Hildegarda afiançava era um controle sobre o comportamento humano, principalmente pela obediência às leis da Igreja, de modo a garantir a manutenção das ordens sociais estabelecidas no século XII.

Destaca-se, também, a autoridade com que Hildegarda defendeu seu pensamento como representante da nobreza e da Igreja, não apenas como uma simples mulher, mas porta-voz do próprio Deus, por meio das visões da Luz Viva. De acordo com Souza (2013), possivelmente, a Abadessa se aproveitou da modificação da visão sobre as mulheres no século XII para garantir sua autoridade, sem, contudo, questionar o poderio masculino, predominante na sociedade medieval. Ela se utilizou da humildade para se apresentar como o receptáculo do Senhor (SOUZA, 2013), o qual queria reconduzir seu povo aos caminhos para a uma vida cristã e harmônica, a fim de que todos alcançassem a salvação eterna.

Outra questão também possível de depreender foi a importância dessa figura feminina na história medieval do Ocidente, fruto do seu tempo (LE GOFF, 2014). Ao destacar a importância da Sibila do Reno, apresenta-se também a figura ativa das mulheres medievais e intelectuais no medievo (OLIVEIRA, 2019). O próprio Papa Bento XVI destacou a originalidade da doutrina da monja beneditina, principalmente pela visão antropocêntrica e a importância para o pensamento feminino, pois nela “resultam expressos os valores mais nobres da feminilidade: por isso também a presença da mulher na Igreja e na sociedade é iluminada pela sua figura, tanto na óptica da pesquisa científica como na da acção pastoral” (BENTO XVI, 2012, p. 7)⁹.

Por fim, a profetiza uniu às suas visões a doutrina e a política, com o intuito de assegurar a ordem social (NEWMAN, 2017). Hildegarda, ao defender a manutenção da ordem social, defendeu também “fé, moralidade e doutrina” a serem praticadas individualmente (VAN DE POLL, 2009). O papel singular de cada homem e mulher para praticar as virtudes é também um dos pontos-chave para compreender o pensamento da monja. Todavia, o benefício da prática das virtudes seria comum a todos, tendo em vista que ser obediente e humilde contribuiria para a manutenção da ordem social do século XII e, conseqüentemente, na visão da Abadessa, para uma sociedade sem conflitos, em resumo, uma sociedade harmoniosa.

Notas

* Michele de Oliveira Jimenez é doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá – UEM. É servidora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, desde 2012. E-mail: mizinhajimenez@gmail.com.

** Terezinha Oliveira é doutora em História e Pós-Doutora em Filosofia da Educação (USP). Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação, junto à Universidade Estadual de Maringá. Bolsista de Produtividade em Pesquisa – CNPQ – 1C. E-mail: teleoliv@gmail.com.

¹ Importante abordagem apresentada por Pinsk (2009), no artigo *Estudos de gênero e História Social*, em que discute as possíveis contribuições da incorporação dos estudos de gênero ao campo da História Social.

² Neste trabalho, concepção holística refere-se ao ser humano integralmente, em todas as suas dimensões, desde os aspectos físicos aos emocionais, inclusive a sua relação com a natureza (PINHEIRO, 2012).

³ Só em 1198, Inocêncio III autorizou a pregação por pessoas que não fizessem parte do clero (LIPPMANN, 2014).

⁴ A obra de Hildegarda de Bingen é vasta, inclui: mais de quatrocentas cartas; *Physica e Causa et curae* (1141-1158); *Ordum Virtutum* (1150); setenta e sete composições musicais, reunidas na obra *Symphonia armonie celestium revelationum* (1140-1150); duas hagiografias de santos, *Vita S. Disibodi* (1170) e *Vita S. Ruperti* (1150 ou 1170-1173); obras menores em que respondeu a questões teológicas, como *Solutiones XXXVIII questionum* (1178), *Explanatio Regulae S. Benedicti* (1153-1165), *Explanatio Symboli S. Athanasii* (1165) e *Expositiones evangeliorum; Lingua ignota et Littere ignote* (1150).

⁵ “em *Scivias* se conjugan y combinan una obra teórica, de comprensión de los misterios cristianos, ahí donde se concentra el aparato doctrinario y didáctico, y una experiencia visionaria que es la que concede vida y potencia a las imágenes”

⁶ “(...) las virtudes son fuerzas, apariciones de luz al igual que los ángeles” (CIRLOT, 2012, p. 150).

⁷ Este artigo utilizou a edição em português da Regra de São Bento, conforme lista de referências.

⁸ Hildegarda fez uma viagem para se encontrar com o Imperador, de acordo com uma das cartas trocadas entre eles, que no começo, eram mais amáveis, e depois se tornam mais duras diante da questão da nomeação de antipapas (PERNOUD, 1996; FRABOSCHI, 2015).

⁹ Antes de Hildegarda de Bingen, somente três mulheres possuíam este título: Santa Catarina de Sena (1347-1380); Santa Tereza D’Ávila (1515-1582); Santa Terezinha do Menino Jesus (1873-1897). Atualmente, a Igreja Católica possui 36 doutores da Igreja, 32 homens e essas 4 mulheres. Mais informações em: <https://www.diocesesa.org.br/2020/10/doutores-da-igreja-qual-e-processo-para-se-reconhecer-um-santo-doutor-da-igreja-catolica-apostolica-romana/>.

Referências

BARROS, José D'Assunção. História social: seus significados e seus caminhos. In: **LHP - Revista de História da UFOP**. Ouro Preto, n. 15, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321024813_A_Historia_Social_seus_significados_e_seus_caminhos

BENTO XVI. **Carta Apostólica Santa Hildegarda de Bingen, Monja Professa da Ordem de São Bento, é proclamada Doutora da Igreja Universal**. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20121007_ildegarda-bingen.html. Acesso em 06 fev. 2020.

BINGEN, Hildegarda. **Scivias (Scito vias Domini)**: Conhece os caminhos do Senhor. São Paulo: Paulus, 2017.

CIRLOT, Victoria. **Vida y visiones de Hildegard Von Bingen**. Madrid: Ediciones Siruela, 2001.

CIRLOT, Victoria. **Hildegard Von Bingen y la tradición visionaria de Occidente**. Barcelona: Herder Editorial, 2012.

DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

DUBY, Georges. **As damas do século XII: Heloisa, Isolda e outras damas**. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

FRABOSCHI, Azucena Adelina. **Santa Hildegarda de Bingen: doctora da Igreja**. Buenos Aires: Mino y Davila Editores, 2012.

FRABOSCHI, Azucena Adelina; PALUMBO, Cecília Avenatti de; ORTIZ, María Ester. **Cartas de Hildegarda de Bingen: Epistolário completo (vol. I)**. Serie Hildegardiana. Buenos Aires/Argentina: Mino y Dávila Editores SL, 2015.

HIJARRUBIA, Rafael Renedo. Panorámica del contexto histórico. In: BINGEN, H. **Libro de las obras divinas**. Tradução Rafael Renedo Hijarrubia. 2013. Disponível em: www.hildegardiana.es/obras. Acesso em 14 maio 2020.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

LE GOFF, Jacques. **Homens e mulheres da Idade Média**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

LIPPMANN, Rayana das Graças Amil Asth. **Santa Hildegarda de Bingen: uma doutora para o nosso tempo**. 68f. Mestrado (Mestrado em Teologia). 2014. PUC: Porto Alegre.

NEWMAN, Barbara. **Sister of wisdom: St. Hildegard's theology of the feminine**. Los Angeles; Berkeley: University of California Press, 1997.

NEWMAN, Barbara. Introdução. In: BINGEN, H. **Scivias (Scito vias Domini):** Conhece os caminhos do Senhor. São Paulo: Paulus, 2017.

OLIVEIRA, Terezinha. Hildegard de Bingen: uma intelectual diante da religião – conhecimento e política. In: **Revista Diálogo Educativo**. Curitiba, v. 19, n. 63, p. 1335-1357, out./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/25693>. Acesso em 31 jan. 2020.

OLIVEIRA, Terezinha. VIANA, Ana Paula dos Santos. Um estudo sobre o intelecto, livre arbítrio e virtudes no campo da história da educação medieval. In: **História & Ensino**. Londrina, v. 25, n. 1, p. 391-408, jan./jun/2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/336178963> Um estudo sobre intelecto livre arbitrio e virtudes no campo da Historia da Educacao Medieval. Acesso em 31 jan. 2020.

PERNOUD, Regine. **Hildegarda de Bingen: a consciência inspirada do século XII**. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro, Rocco, 1996.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

PINHEIRO, Mirtes Emilia. **As herboristas nas literaturas antiga e medieval: Circe, Hildegarda de Bingen e Isolda**. 103f. Mestrado (Mestrado em Letras: Estudos Clássicos e Medievais). 2012. UFMG: Belo Horizonte.

PINHEIRO, Mirtes Emilia. **Desvendando Eva: o feminino em Hildegarda de Bingen**. 251f. Doutorado (Doutorado em Estudos Literários). 2017. UFMG: Belo Horizonte.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de gênero e História Social. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, n. 17, v. 1, p. 159-189, jan/abril 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000100009>. Acesso em 31 jan. 2020.

SÃO BENTO. **Regra do glorioso Patriarca São Bento**. Tradução e notas de Dom João Evangelista Enout. Abadia São Gerado. Edição online somente em português. Disponível em: <https://docplayer.com.br/54192982-Regra-do-glorioso-patriarca-sao-bento-dom-joao-evangelista-enout-o-s-b-traducao-e-notas.html>. Acesso em 23 jun. 2020.

SOUZA, Juliane Albani de. **A sexualidade e o controle do corpo no Scivias e no Causa et curae de Hildegarda de Bingen (século XII)**. 164f. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas). 2013. UFES: Vitória.

SILVA, Rejane Barbosa da. **Hildegard Von Bingen e Mechthild Von Magdeburg: visionárias do tempo do fim - uma análise comparativa**. 117f. Dissertação (Mestrado em História Comparada). 2014. UFRJ: Rio de Janeiro.

VAN DE POLL, Maria Carmem Gomes Martiniano de Oliveira. **A espiritualidade de Hildegard Von Bingen: profecia e ortodoxia**. 212f. Doutorado (Doutorado em História Social). 2009. USP: São Paulo.

Recebido em: agosto/2020
Aprovado em: maio/2021